

# ESQUADRÃO DA MODA INTOLERÂNCIA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

*Clézio Roberto Gonçalves* (UFOP)

[cleziorob@gmail.com](mailto:cleziorob@gmail.com)

*Verônica Barçante Machado* (UFOP)

[veronicabm2000@yahoo.com.br](mailto:veronicabm2000@yahoo.com.br)

## ***1. Introdução***

Atualmente, a moda pode ser entendida como um fenômeno presente na vida cotidiana que interfere direta ou indiretamente na sociedade. No mesmo momento em que se apresenta de forma extremamente sedutora, pode fazer com que as pessoas percam o seu estilo ou o encontro, tornando-se escravas de suas tendências. Isso acontece há anos e continuará acontecendo, pois os estilos fazem parte da rotatividade do mercado.

Filmes e programas televisivos são representações dessa realidade. Um exemplo disso é o programa de televisão do SBT “Esquadrão da Moda”, que é o objeto de estudo desse trabalho. Nesse *reality show* encontramos muitos dados relacionados ao preconceito de imagem e estilo de personalidade. Nele, Isabella Fiorentino e Arlindo Grund são os apresentadores que fiscalizam, durante duas semanas, uma determinada pessoa cujos familiares e amigos a inscreveram por não aguentarem mais seu modo versátil de se vestir. A linguagem é determinante: os apresentadores mostram francamente para o participante que ele se veste mal, que suas roupas são ridículas e que ele é motivo de risadas em muitos acontecimentos. No programa, as pessoas, muitas vezes, não estão cientes de que se vestem mal, choram pelas peças atiradas ao lixo, mas ao final, acabam aceitando a situação e continuam “felizes da vida” pela nova mudança. Enfim, mais uma pessoa que pode desencadear um valor diferente em sua vida, uma vez que a imagem é muito importante para a nossa representação no mundo.

O Programa Esquadrão da Moda foi escolhido para ser analisado, dentre tantos outros, devido ao fato de tratar do tema “moda” de forma extremamente preconceituosa. A ideia inicial para este estudo é a de que encontraríamos muitas expressões preconceituosas e intolerantes para serem demonstradas neste trabalho. Logo, objetiva-se descrever fatos e elementos de preconceito social e linguístico no programa. Para tal, é feita

uma exposição de algumas dessas expressões utilizadas pelos apresentadores do programa supracitado e do comportamento de seus participantes, relacionando preconceito e intolerância na linguagem com o ambiente da moda.

Essa pesquisa é fruto do trabalho monográfico intitulado “A intolerância e o preconceito linguístico no Programa Esquadrão da Moda”, no qual foram analisados 17 (dezesete) programas, totalizando, aproximadamente, sete horas de gravação.

## 2. *O objeto de estudo*

### 2.1. O Programa Esquadrão da Moda

O Programa Esquadrão da Moda é exibido geralmente às terças-feiras a partir das 21(vinte e uma) horas no Sistema Brasileiro de Televisão – rede aberta.

*Esquadrão da Moda* é um *reality show*, do formato original do programa *What Not to Wear*, dos canais *Discovery Home & Health* e *BBC*, que pretende repaginar o visual de seus participantes, ajudando-os a entender o que vestir e, principalmente, o que não devem usar. No Brasil, o programa é produzido pelo SBT e sua estreia foi em 3 março de 2009. O programa saiu do ar no mês de maio de 2011 (devido à gravidez da apresentadora Isabella Fiorentino) e retornou à programação da emissora em 21 de abril de 2012.

A *top model* e consultora Isabella Fiorentino e o *stylist* Arlindo Grund formam o casal de especialistas em moda que tem por missão ensinar aos participantes a se vestirem adequadamente e com estilo.

A inscrição do participante no programa é feita por parentes ou amigos que o consideram *sem estilo* ou que acham que ele *simplesmente se veste de forma inadequada*. Dessa forma, ele não fica sabendo que está inscrito e é inesperadamente abordado em uma armação feita pelos apresentadores em conjunto com quem os inscreveu.

Sem que os participantes percebam, eles são filmados durante duas semanas em cenas cotidianas, vestindo suas roupas que são consideradas *bregas* ou *inapropriadas*. Depois é feita uma abordagem inusitada pelos apresentadores, informando que eles farão parte do *reality show*.

Assim, a partir do momento em que eles aceitam a participar do *Esquadrão da Moda*, devem abrir mão de suas roupas, passar uma semana ouvindo conselhos dos apresentadores sobre moda e receber dez mil reais para renovar o guarda-roupa, além de ganhar uma mudança no visual: cabelo e maquiagem.

## 2.2. Os apresentadores

Isabella Fiorentino seguiu a carreira de modelo e consultora de moda. Atualmente, possui o *Workshop de Moda Isabella Fiorentino*, curso itinerante que percorre o Brasil. Além disso, tem uma coluna na revista *Estilo*, na qual comenta sobre moda e cuidados femininos e atua como apresentadora do programa *Esquadrão da Moda* do SBT junto com o *stylist* Arlindo Grund.

Desde 2010, Arlindo Grund ministra aulas de Produção para catálogo comercial de moda e Produção para Editorial de moda no *IED, Istituto Europeo di Design*. É um dos nomes mais procurados quando o assunto é estilo. Além de ser o responsável pelos editoriais e as capas das revistas *Marie Claire*, *Estilo*, *Boa Forma* e *Playboy*, o estilista ainda assina figurinos de diversas campanhas publicitárias clicadas por J.R. Duran e Fernando Louza.

## 3. Fundamentação teórica

### 3.1. Sociolinguística interacional

A sociolinguística interacional surge nesse trabalho como base teórica para que o comportamento linguístico e paralinguístico dos participantes e apresentadores do *reality show* “*Esquadrão da Moda*” sejam analisados como fontes potenciais de comunicação e para que ações e intenções de significado, comportamentos verbais e não verbais sejam compreendidos no contexto imediato.

Com base no arcabouço teórico da sociolinguística interacional, analisamos o comportamento não só dos participantes, mas também dos apresentadores do *reality show*.

Cabe à sociolinguística interacional ocupar-se da organização subjacente ao desempenho comunicativo, à descrição dos esquemas de conhecimento de diversas naturezas que os membros de uma comunidade de fala projetam, a partir de suas experiências, e que determinam suas estruturas de expectativas. Essas estruturas fazem parte da noção que os membros de uma comunidade têm de realidade e determinam o que eles inferem do discurso.

Os quadros e esquemas da interação são reconhecidos através de pistas linguísticas e paralinguísticas, ou seja, a maneira com que as palavras são ditas, e não apenas o que elas significam tais como: sinais não verbais, como direção do olhar, distância proxêmica, movimento corporal, gesticulação, voz, altura do som e ritmo. Tudo mencionado acima contribui para o significado que os falantes atribuem ao que está sendo comunicado direta ou indiretamente.

Goffman (1972) em “A situação negligenciada” explica que o comportamento linguístico é notadamente influenciado por variáveis sociais. Porém, paralelamente a essas variáveis, existe outra gama de características envolvidas na fala (semânticas, expressivas, paralinguísticas etc.), que fornecem uma nova leva de indicadores para se examinar essa fala.

O autor explica que capturar comportamentos gestuais associados ao falar é tarefa complicada, já que no gesto está também incluso o cenário material e humano; portanto o ambiente deve ser apresentado durante as análises. Para Goffman (1972), ao serem analisados tais materiais, além de levar em conta os atributos sociais, tais como idade e sexo, devem-se levar em conta os valores agregados a esses atributos. Para isso, é necessário se voltar para a ocasião social.

Eu definiria uma situação social como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. De acordo com essa definição, uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado. (GOFFMAN, 1972, p. 17)

O autor ressalta que as situações sociais têm sido negligenciadas nas análises.

O contexto social interfere diretamente no comportamento dos interlocutores no momento da interação. Para Hymes (1978), competência linguística envolve necessariamente competência social, já que para inte-

ragimos de maneira aceitável, devemos ser capazes de produzir elocuições não somente gramaticalmente corretas, mas também apropriadas a cada situação.

Segundo Goffman (1979), aquele que tem sua caixa sonora em uso pode ser considerado o falante em uma interação, que ele também nomeia como animador. Considera-se, às vezes, um responsável pelas palavras ditas, alguém que está comprometido com o que as palavras expressam. Nesse caso, se lida com uma pessoa que ocupa uma identidade social específica. E além, disso, o indivíduo pode alterar o papel social que ele ocupa: “Quando se usa o termo ‘falante’, está frequentemente implícito que o indivíduo que anima está produzindo seu próprio texto e delimitando sua própria posição através dele: animador, autor e responsável são um só.” (GOFFMAN, 1979, p. 135)

Bateson (1972) procurou critérios comportamentais que pudessem indicar se um dado organismo é ou não capaz de reconhecer que os indícios emitidos por ele mesmo e por outros membros de sua espécie são sinais no zoológico de Fleishacker em São Francisco. O autor observou macacos brincando, envolvidos em uma sequência interativa na qual as ações ou sinais são semelhantes às de um combate. “Ora, esse fenômeno, o da brincadeira, só poderia ocorrer se os organismos participantes fossem capazes de algum grau de metacomunicação, isto é, de trocaram sinais que levassem a mensagem ‘Isto é brincadeira’.” (BATESON, 1972, p. 89)

Analisando a expressão ‘Isto é brincadeira’, tem-se o fato de que as ações não denotam o que aquelas ações que elas representam denotariam. Portanto, na brincadeira, são encontrados sinais que representam outros eventos.

Bateson (1972) ressalta duas peculiaridades próprias da brincadeira, a saber: uma é que as mensagens ou os sinais trocados durante a brincadeira são de algum modo não verdadeiros ou não intencionados; outra é que aquilo que é denotado por esses sinais é não existente.

O autor define um enquadre psicológico como que é (ou delimita) uma classe ou um conjunto de mensagens (ou de ações significativas). Ao incluir certas mensagens (ou ações significativas) dentro de um enquadre, outras mensagens são excluídas. E ao excluir certas mensagens, outras são excluídas.

Qualquer mensagem que defina um enquadre fornece ao receptor instruções ou auxílio para entender as mensagens que estão incluídas no enquadre.

Os quadres são comparados a molduras de quadros.

Toda essa questão de quadres e paradoxos pode ser ilustrada em termos de comportamento animal, em que três tipos de mensagens podem ser reconhecidas ou deduzidas: (a) mensagens do tipo aqui que estamos chamando de indícios de humor; (b) mensagens que simulam indícios de humor (na brincadeira, na ameaça, no comportamento historiônico etc.); e (c) mensagens que permitem ao receptor diferenciar entre indícios de humor e aqueles indícios que se assemelham a eles. A mensagem “Isto é brincadeira” é do terceiro tipo. Ela informa ao receptor que certas dentadas e outras ações significativas não são mensagens do primeiro tipo.

Portanto, a mensagem “Isto é brincadeira” estabelece um enquadre do tipo que pode facilmente precipitar um paradoxo: é uma tentativa de diferenciar, ou de traçar uma linha, entre categorias de tipos lógicos diferentes. (BATESON, 1972, p. 101)

### 3.2. O preconceito e a intolerância na linguagem

Marcos Bagno (2006), em seu livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, fala sobre o preconceito linguístico e como ele pode influenciar o pensamento e o comportamento das pessoas com relação à língua materna.

O autor afirma que há uma tendência geral das pessoas a lutarem contra as várias formas de preconceito existentes, porém essa tendência não chega a atingir o preconceito linguístico. Esse é alimentado pelos meios de comunicação, tais como revistas, televisão, rádio, livros e manuais, que pretendem ensinar o que é “certo” ou “errado” na língua. Os próprios brasileiros têm uma imagem errônea e preconceituosa a respeito da língua que é falada no país.

Marli Quadros Leite, em seu livro *Preconceito e intolerância na linguagem*, trata do tema anunciado no título, fazendo uma distinção entre preconceito e intolerância e algumas de suas formas de manifestação, especialmente na mídia.

Leite (2008) comenta que a linguagem é, para o homem, uma representação de sua subjetividade. A autora ressalta que por detrás de uma atitude linguística existe uma atitude social, na qual todo falante demons-

tra sua ideologia. Para ela, o preconceito é, a princípio, uma opinião, que pode acabar levando o indivíduo à intolerância.

À primeira vista, pode-se dizer simplesmente que as palavras *preconceito* e *intolerância* são sinônimas. Um exame um pouco mais detido, contudo, pode mostrar que preconceito é a ideia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à *intolerância*, à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações. Isso indica uma primeira diferença: o traço semântico mais forte registrado no sentido de *intolerância* é o de ser um *comportamento*, uma *reação explícita* a uma ideia ou opinião contra a qual se pode objetar. [...] Um *preconceito*, ao contrário, pode existir sem jamais se revelar e, por isso, existe antes da crítica. (LEITE, 2008, p. 20)

Segundo Leite (2008), o preconceito tem a ver com o gosto de cada um, que é um não gostar sem razão, uma discriminação silenciosa que um indivíduo pode ter com relação à linguagem do outro sem uma ação discursiva do fato rejeitado, do que poderia ser certo ou errado. Já a intolerância necessariamente é ruidosa, explícita, nasce de julgamentos e é manifesta por um discurso metalinguístico.

#### 4. *Procedimentos metodológicos*

O objeto de estudo deste trabalho é o Programa Esquadrão da Moda. A análise que realizamos consiste em, inicialmente, descrever fatos e elementos de preconceito social e linguístico no universo da moda e, especificamente: (i) descrever algumas das expressões preconceituosas dos apresentadores do *reality show* do SBT; (ii) descrever o comportamento dos participantes do *reality show*, relacionando preconceito e intolerância na linguagem com o ambiente da moda.

Para realizar essas descrições, foram selecionados como *corpus* dois programas, totalizando, assim, uma hora e cinquenta minutos de gravação. Serão apresentadas e analisadas nesse trabalho algumas das principais expressões preconceituosas encontradas nos referidos programas. Utilizaremos, para esse estudo, as teorias da sociolinguística interacional e os conceitos de preconceito e intolerância na linguagem apresentados pelos autores Bagno (2006) e Leite (2008).

#### 5. *Análise dos dados*

O foco central de análise foi a interação entre os apresentadores e as participantes, especialmente a fala dos apresentadores. Porém, foram

encontradas também falas preconceituosas de parentes e amigos das participantes.

### **5.1. Programa 1: EZELISE CROCCO (04.01.2011, 44 min)**

A participante Ezelise gosta de se vestir à moda cigana. Ela se afirma minimalista, ou seja, não segue a moda, tem seu próprio estilo. Durante o vídeo, ela diz que não se importa muito com a moda; para ela, moda é uma coisa que deve fazer bem, dar conforto. A participante desenvolveu um estilo próprio, que afirma ser um pouco esotérico.

A abordagem é feita em um bar temático de São Paulo, com Arlindo Grund se vestindo de adivinho e Isabella Fiorentino falando com ele sobre as roupas da participante através de um ponto no ouvido.

Apresentam-se, a seguir, exemplos de fala preconceituosa e intorante exibidos nesse programa.

#### **(1) 1. Isabella: “*Toda trabalhada na cafonice.*” (01.36) [ECO1]**

Nesse momento do programa, está sendo apresentada uma imagem da participante vestindo uma saia trabalhada manualmente. Isabella, Arlindo, a cabeleireira Vanessa e o maquiador do programa Cintra estão reunidos analisando imagens de Ezelise.

Para dar um tom de comédia ao que está sendo dito, cada pessoa presente na interação, diz uma coisa e o outro falante completa a frase. Esse revezamento dos turnos de fala, de acordo com Goffman (1972), é o que dá dinamicidade ao discurso. Os primeiros a falarem, Arlindo e Vanessa, o fazem sobre o trabalho manual feito na saia. Isabella, ao utilizar seu turno de fala, diz que a saia é trabalhada na *cafonice*. Ela quebra a expectativa dos ouvintes, porque não fala sobre o trabalho manual da saia, mas diz que ela é feita na *cafonice*. Portanto, não adianta a saia ter tantos trabalhos manuais e até mesmo ter custado caro, se o trabalho é *cafo-na*.

#### **(2) 3. Arlindo: “*A impressão que eu tenho é que ela passou em uma feirinha hippie. Só que ela passou nas piores bancas.*” (01.38) [ECO1]**

**4. Vanessa: “Só que ela passou na xepa da feirinha hippie.”**  
(01.40) [ECO1]

Enquanto analisam as imagens da participante, Arlindo e Vanessa desvalorizam a cultura *hippie*, da qual a Ezelise se diz adepta. Para eles, a participante escolheu o que de pior a cultura *hippie* poderia oferecer. Segundo o dicionário Aurélio, a xepa seria “*mercadorias que sobram da venda diária nas feiras livres, e que, quando perecíveis, são dadas ou oferecidas a baixo preço*”. A escolha do léxico *xepa*, nesse caso, foi feita de forma a desvalorizar ainda mais as escolhas da participante. O tom geral é de deboche.

**(3) 14. Isabella: “Pois é, a gente até acha divertido essa vib hippie...”**  
(07.06) [ECO1]

Isabella, enquanto diz isso, balança a cabeça de um lado para o outro e mexe com os braços de forma a ilustrar com gesto o seu discurso. Porém, na hora em que a apresentadora utiliza a expressão *vib hippie*, o faz em um tom de desprezo. Mais uma vez, percebe-se, uma total desvalorização da cultura *hippie*. Para Isabella, roupas desse tipo não servem para a participante. Pelo contexto, é como se a insinuação fosse: *É divertido, mas você não deve levar tão a sério, nem usar esse tipo de roupa.*

**(4) 17. Irmão: “... E vou mostrar uma das coisas que é meu trauma desde a infância: o guarda-roupa dela. Uma saia como essa; pode um negócio desses?”** (08.08) [ECO1]

Com um preconceito direto e de forma descontráida (mas irônica), o irmão de Ezelise diz que as roupas dela o traumatizaram. Ele afirma isso apresentando o guarda-roupa da participante. Trauma, segundo o dicionário Aurélio (1986) é uma “*desagradável experiência emocional de tal intensidade, que deixa uma marca duradoura na mente do indivíduo*”. Ou seja, nota-se ironia e exagero na expressão. O irmão de Ezelise utilizou a palavra trauma para dar tom de exagero ao que ele estava afirmando. Nesse caso, também é válido o conceito de Batenson (1972) de “*Isto é brincadeira*”, onde ele está, de forma descontráida, afirmando ou insinuando o quanto as roupas da irmã o incomodam.

**(5) 30. Arlindo: “Fizeram o teste do pezinho no hospital em você? Ou você bebeu água da placenta?” (02.12) [ECO2]**

Nesse caso, Arlindo insinua com sua frase que Ezelise possui algum problema (provavelmente mental) que não foi detectado na infância. Ele se utiliza da mensagem “Isto é brincadeira” para afirmar ou insinuar que considera a participante burra na hora de fazer suas escolhas de vestuário. O apresentador diz isso de forma irônica, tentando dar um tom de brincadeira, como quem está ensinando uma lição. Para falar, ele muda o tom de sua voz, especialmente para enfatizar a última frase.

**5.2. Programa 2: ANA PAULA MARTINS (11.01.2011, 45 min)**

A participante Ana Paula gosta de se vestir de forma clássica, devido ao seu trabalho de economista. Ela afirma que não gosta de gastar muito com roupas e está sempre economizando na hora de comprar. Ana Paula sempre é chamada a atenção no trabalho por causa de seu vestuário.

Os amigos dizem que a economista é jovem e se veste mal, atrapalhando, assim, suas chances de arrumar um namorado. Nota-se que há uma preocupação saudável por parte dos amigos da participante com sua imagem e seu bem estar.

A seguir, são apresentados dados de preconceito e intolerância encontrados no programa desse dia.

**(1) 52. Arlindo: “Economiza tanto e economiza no bom gosto.” (06.27) [APM1]**

Com isso, Arlindo faz uma brincadeira (noção de Bateson (1972) “Isto é brincadeira”) devido ao fato de a participante ser economista. Nesse momento, estava em pauta o fato de a participante ter o costume de comprar coisas na promoção. Arlindo quebra as expectativas dos ouvintes dizendo que Ana Paula economiza *no bom gosto*, ao invés de dizer que ela economiza *dinheiro*. Sendo assim, ele consegue criar um efeito de humor. Com essa afirmação, Arlindo passa a mensagem que deseja: insinua que a participante é *brega* também pelo fato de comprar somente roupas baratas nas lojas. Há preconceito com relação às roupas que são mais baratas ou compradas em promoção. A insinuação que os apresentadores fazem é que essas roupas geralmente não são *bonitas*.

**(2) 61. Arlindo: “O pecado é tão grande que só ajoelhando no milho mesmo pra poder passar esse pecado.” (10.23) [APM1]**

Essa frase de Arlindo veio após o depoimento de uma amiga de Ana Paula em que ela conta que a participante foi chamada à atenção no trabalho pelo fato de “*pecar*” muito nas roupas. O apresentador aproveita a deixa e se utiliza do léxico “*pecar*”, para dizer o quão *errado* a participante tem se vestido. Segundo o dicionário Aurélio, pecar seria “*faltar a uma regra moral, a um dever social.*” Para a amiga da participante, o léxico “*pecar*” teria o sentido de “*cometer um erro de escolha*”; o que no caso, seria escolher roupas inapropriadas. Arlindo faz alusão a um antigo castigo aplicado a quem cometia faltas, que seria se ajoelhar no milho. É como se a participante devesse ser punida pelo seu *mau gosto* ou por esse “*pecado*”.

**(3) 63. Arlindo: “Ô Patrícia, o que é que tem a sua amiga pegar um lençol de um motel e fazer um vestido? Não vejo problema nenhum!” (11.11) [APM1]**

Nesse momento, o vídeo apresenta a amiga de Ana Paula mostrando um vestido que a participante sempre costuma usar em festas. Arlindo compara o vestido dela a um lençol de motel. Ele se utiliza da noção de Batenson (1972) “*Isto é brincadeira*”. O tom que o apresentador utilizou foi irônico e a mensagem que ele quis passar para os ouvintes foi de que o lençol de motel, assim como o vestido da participante, são coisas *vulgares* e *feias*. Arlindo franze as sobrancelhas ao dizer isso, fazendo uma espécie de representação teatral exagerada, para mostrar claramente que está sendo irônico. O que ele quer dizer, pelo contexto e em outras palavras, realmente é: *A participante Ana Paula vai a todas as festas com um vestido que parece um lençol de motel.*

**(4) 65. Arlindo: “Quanto você pagou por isso?” (00.30) [APM2]**

**Isabella: “Aliás, você pagou por isso?”**

Arlindo diz isso segurando um par de botas brancas da participante. O tom do apresentador é de recriminação e ironia, a insinuação é de que as botas não valem nada por serem muito *bregas*. Ao utilizarem e enfatizarem o termo *isso* e não *botas*, os apresentadores desvalorizam as botas da participante, que eles consideram *feias*. O tom que Isabella usa é

de surpresa (tom teatral) por saber que alguém gastaria dinheiro, especificamente, com aquelas botas.

**(5) 79. Isabella: “Porque que você gosta de usar? Porque você gosta disso? Você acha bonito mesmo?” (08.24) [APM2]**

Enquanto faz essa pergunta, Isabella segura uma blusa de frio rosa com pelúcia na gola. Ela estica as mangas da blusa e utiliza um tom de surpresa (teatral) quando a participante afirma gostar da peça. A mensagem implícita que a apresentadora passa é a de que não é possível que alguém ache aquela peça bonita e ela quer se certificar disso. Isabella tenta, com essa frase, convencer a participante do absurdo do seu gosto. A apresentadora faz sua afirmação encarnando a autoridade em moda, representando um papel social no programa (noção de responsável de Goffman (1972)).

## **6. Considerações finais**

O presente estudo consistiu em buscar e analisar elementos de preconceito e intolerância na interação entre os apresentadores e os participantes do programa televisivo Esquadrão da Moda. Procuramos nos focar nos dados das falas dos apresentadores Isabella Fiorentino e Arlindo Grund, embora, fossem encontrados elementos de preconceito e intolerância também em outras personagens do programa, tais como parentes e amigos das participantes.

Nos dois programas analisados que totalizaram uma hora e cinquenta minutos horas, foram encontradas 83 ocorrências de preconceito e intolerância. Dentre elas, 50 contêm falas do apresentador Arlindo Grund, 29 da apresentadora Isabella Fiorentino e 4 de outros (parentes, amigos dos participantes e produção do programa).

Durante grande parte dos programas, os apresentadores agem como se estivessem em um grande palco de teatro: eles utilizam palavras que denotam um desprezo exagerado pelo do *mau gosto* dos participantes, mudam a entonação da voz e fazem gestos teatrais para afirmar e convencê-los de que eles realmente são *bregas* e/ou *cafonas*.

Um ponto interessante a ressaltar é que Arlindo e Isabella sempre alternam seus turnos de fala: um sempre completa o que o outro diz. A

alternância dos turnos de fala dos apresentadores é sincronizada, parecendo combinado.

A ironia também é um componente efetivamente presente. Os apresentadores sempre fazem questão de deixar claro para os participantes o quanto a forma de vestir deles é desagradável. Eles o fazem, muitas vezes, através de mensagens implícitas em suas falas.

As frases utilizadas por Arlindo Grund são notadamente mais ferinas do que as de Isabella Fiorentino; a todo o momento ele associa o que considera *mau gosto* a algum tipo de problema mental que o participante provavelmente seria portador.

Tanto durante a narração do programa quanto durante as falas dos apresentadores, a *cafonice* é tratada como se fosse uma doença grave que deve ser curada o mais rápido possível.

Tudo isso é feito com um toque de bom humor, para dar ao programa certa leveza e irreverência. É válida, nesse caso, a noção de “Isto é brincadeira” de Batenson (1972). A mensagem dos apresentadores é a de que eles estariam fazendo uma “*brincadeira*”, o que faz com os participantes levem na esportiva os ataques ao seu gosto. Porém, o preconceito é direto e o tom é irônico, e a dúvida fica no ar se realmente “Isto é brincadeira?”.

Para criticar os participantes ou até mesmo dizer o que combina ou não no vestuário deles, os apresentadores encarnam a noção de Goffman (1979) de “responsável”, ou seja, eles representam o papel social de profissionais na moda e, com essa autoridade em mãos, dizem aos participantes o que seria apropriado ou inapropriado para se vestir. Há, porém, um abuso dessa autoridade. Arlindo Grund e Isabella Fiorentino chamam os participantes de *cafons*, dizem que suas roupas são *feias* e de *mau gosto*, dentre outras ofensas.

Um ponto interessante a ressaltar é que os participantes, na maioria das vezes, aceitam passivamente as afirmações e as ofensas dos apresentadores. Isso ocorre devido a dois possíveis fatores: o primeiro, seria que eles estão diante de *autoridades em moda* e, portanto, acreditam no discurso dos apresentadores de que eles estão se vestindo *de forma incorreta*. Outro motivo pelo qual os participantes aceitam, na maioria das vezes, passivamente, os conselhos e ofensas dos apresentadores, poderia residir no fato de que eles estão em rede nacional e se sentem constrangidos por esse fato.

Como foi dito anteriormente neste trabalho, qualquer forma de preconceito e intolerância se origina em um preconceito social. A maneira com que as pessoas se vestem reflete sua imagem diante dos outros e o vestuário é uma forma de se afirmar no mundo. Porém, fica o questionamento nesse trabalho: até que ponto as pessoas devem deixar de lado as roupas ou os estilos de que gostam apenas para satisfazer aos desejos dos outros ou até mesmo da sociedade, que cobra delas as roupas ditas *apropriadas*? As participantes estava se sentindo bem com suas roupas, até o momento em que pessoas do seu círculo social – incomodadas demais com seu vestuário – resolveram inscrevê-las no programa. É preciso deixar bem claro que a iniciativa de mudança não partiu das participantes, mas de pessoas de seu convívio, que não aguentavam mais passar por constrangimentos e/ou preconceitos sociais por causa das roupas que estes participantes usavam.

Enfim, o preconceito e a intolerância estão presentes em diversos momentos do programa analisado, parecendo até ser a intenção daqueles que o apresentam, pois evidenciam o lugar “privilegiado” que ocupa a pessoa que “anda na moda” diante do papel social exercido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARLINDO Grund. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Arlindo\\_Grund](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arlindo_Grund)>. Acesso em: 27-03-2011.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 46. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BATENSON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Pedro Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.) *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 85-106.

BIOGRAFIA de Isabella Fiorentino. Disponível em:

<<http://celebridades.wa3.com.br/bio/isabella-fiorentino.html#ixzz1Hqk8J8wt>> Acesso em: 28-03-2011.

CAMILI E LIAISON. *Esquadrão da Moda SBT*.

<<http://www.caimiliaison.com.br/news/2/esquadrao-da-moda-sbt>> Acesso em: 28-03-2011.

ESQUADRÃO da Moda. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquadrão\\_da\\_Moda\\_\(SBT\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquadrão_da_Moda_(SBT))>. Acesso em: 28-03-2011.

*ESQUADRÃO da moda*. Disponível em:  
<<http://www.sbt.com.br/esquadraodamoda/videos/>> Acesso em: 16-10-2011.

*ESQUADRÃO da Moda*. O Programa. Disponível em:  
<<http://www.sbt.com.br/esquadraodamoda/oprograma/>> Acesso em: 27-03-2011.

*ESQUADRÃO da Moda. Os apresentadores*. Disponível em:  
<<http://www.sbt.com.br/esquadraodamoda/apresentadores/>>. Acesso em: 27-03-2011.

*ESQUADRÃO da Moda*. SBT. Brasil: Isabella Fiorentino, Arlindo Grund – Originalmente BBC. What not to Wear, 2009.

GASTALDO, Édison. (Org.). *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo, 2004.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 9-75.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Pedro Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.) *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 13-20.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. *The Communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

*ISABELLA Fiorentino*. Disponível em:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabella\\_Fiorentino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabella_Fiorentino)>. Acesso em: 28-03-2011.

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Pedro Telles. GARCEZ, Pedro M. (Orgs.) *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.